

O rádio como espaço educativo

Cristóvão Almeida
cristovaoalmeida@gmail.com
Lourdes Silva
lourdsilva@gmail.com

CONSANI, M. 2007. *Como usar o rádio na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 187 p.

Como usar o rádio na sala de aula é uma obra didática, de linguagem acessível e, como disse Ismar de Oliveira Soares, “sem mistérios, sem segredos e sem grandes traumas”. Com esses atributos, torna-se mais fácil tecer nossos comentários ao livro de autoria de Marciel Consani, que integra a coleção *Como usar na sala de aula*.

Os fundamentos epistemológicos propostos pelo autor trazem reflexão teórico-metodológica a partir de dois eixos: Educação e Comunicação. As duas áreas do conhecimento têm por objeto a linguagem radiofônica como recurso de produção e abordagem de conteúdo pedagógico nos espaços educativos.

O primeiro capítulo, intitulado “Por que o rádio na escola?”, busca justificar a importância desse veículo enquanto instrumento facilitador e privilegiado no universo escolar. Consani tece um breve resgate histórico e evidencia a relação do rádio com a educação desde a implantação no território brasileiro. Compreendendo que o rádio no Brasil evoluiu em proporção semelhante, ou até mesmo superior, aos países desenvolvidos. Nesse contexto houve um ganho de qualidade muito grande em dimensionar o espaço radiofônico como processo educativo. Por exemplo, nos anos 60, o Movimento de Educação Básica (MEB) implantou, em vários estados da região nordeste, sudeste e centro-oeste, as estruturas de Escola Radiofônica. Foi um projeto de educação ousado, inovador e que permitiu fazer uma interlocução com os trabalhadores rurais. Essa interface entre a educação popular e a comunicação popular possibilitou que às pessoas tomassem consciência de seus problemas e de seus próprios valores.

Muitos autores, como Peruzzo (2004) afirmam que o rádio utiliza-se da linguagem oral para transmitir suas mensagens, característica que o coloca em vantagem frente aos recursos utilizados por outros veículos como a *internet*, o *MP3*, o *i-pod*, dentre outros. Para a autora, o fato dessa mídia dispensar a leitura escrita para a decodificação aumenta o contingente de audiência, pois proporciona às pessoas que não dominam esses signos conhecerem e compreenderem a mensagem apenas ouvindo-a. Argumento também apresentado por Consani (p.18).

Deve haver, portanto, excelentes razões para que essa mídia de massa continue popular. Além de resistir à concorrência das tecnologias que surgem diariamente, o rádio ainda consegue inserir-se nelas de maneira quase sub-reptícia, como atestam os fenômenos da *webradio* e do *podcast*.

O autor amplia esta idéia a partir das características intrínsecas e extrínsecas do rádio. No que se refere às características intrínsecas, a liberdade imaginativa, o alcance humano e geográfico, a simplicidade da produção, o baixo custo e a agilidade. No que tange às características extrínsecas, decorrentes de algumas condições históricas, Consani nos lembra da seletividade, personalidade, adaptabilidade, essencialidade e a identificação pessoal (p. 19).

O objetivo do segundo capítulo é de caráter propositivo, conforme o próprio título enuncia: “Montando uma rádio na escola”. Com riqueza de detalhes, o autor descreve os processos primordiais na execução de um projeto de montagem de rádio na escola, esclarecendo que, para o funcionamento de uma rádio, não basta montar um estúdio, comprar os equipamentos e obter

concessão, mas é preciso planejar a ação e consolidar a proposta através de um grupo coeso de trabalho entre educadores e a comunidade escolar.

“As produções de rádio” é o título do capítulo terceiro. Nele, o autor acerca-se das produções que considera mais apropriadas ao contexto escolar. Parte do geral para o específico. Assim, Consani resgata brevemente o processo histórico do rádio no Brasil enquanto fenômeno popular por excelência, para depois chegar ao projeto rádio-escola explorando conteúdos do rádio que considera pertinente trabalhar nas unidades de ensino.

No capítulo quarto – “Atividades sugeridas” – temos propostas para um projeto transdisciplinar de rádio-escola a partir de uma vasta classificação de atividades, desde a elaboração do projeto, definição de metas, passando pela etapa da produção até a concretização da proposta, reservando momentos de ampla discussão e avaliação. O autor ressalta que as atividades desenvolvidas na rádio-escola devem ser planejadas com antecedência e adequadas às circunstâncias de trabalho inerentes a cada espaço educativo.

E, finalmente, na última parte, o autor apresenta um glossário de termos técnicos e radiofônicos.

Ancorado no rigor de sua argumentação metodológica, na potencialidade de sua proposição e no conhecimento da linguagem radiofônica, Marciel Consani adota um estilo pedagógico e perspicaz que visita um rico *corpus* de referências, compreendendo livros, vídeos, sites e discografia na construção de um texto que informa, discute e problematiza muitos dos saberes já constituídos tanto na área da Educação quanto da Comunicação.

Consciente de que, em geral, o uso do rádio na escola é quase sempre na linha da recepção, isto é, trabalha-se a partir da produção já existente, a obra *Como usar o rádio na sala de aula* pretende não apenas propor o uso do rádio na escola, mas colocar a escola como produtora dessa mídia. A abordagem na perspectiva da produção permite ao autor focalizar seu objeto sob o prisma de diversas áreas do conhecimento, tais como sociologia, antropologia e história, realçando as inter-relações conceituais.

É nessa perspectiva que percebemos o cerne da proposta da obra: instigar nos educadores a produção de conhecimentos e de processos comunicacionais via rádio, não restringindo o entendimento de comunicação/educação como mera transmissão ou acesso crítico às informações, mas um processo dialógico capaz de envolver toda a comunidade escolar. O uso do rádio na escola

está intrinsecamente ligado às construções coletivas que daí decorrem.

As questões tratadas por Consani revitalizam o estudo sobre o rádio, em uma década em que o foco recai sobre a Internet, muito embora a população empobrecida ainda não tenha acesso a esse veículo. Isso nos remete ao argumento de Mário Kaplún, para quem a eficácia da comunicação popular não se mede pela sua capacidade de competir com os grandes meios de comunicação de massa¹, de modo que o rádio continue tendo espaço privilegiado no processo educativo.

E, a nosso ver, o livro propõe ao leitor e à leitora uma construção metodológica polissêmica que se organiza e se fundamenta num exercício fecundo nas *formas de usos*², recuperando nelas uma pluralidade de sentidos possíveis. Um texto que se desdobra para o leitor e a leitora como um feixe de possibilidades, estimulando nossa reflexão sobre a linguagem radiofônica no universo escolar em um veículo popular, tradicional, abrangente, barato e contemporâneo como o rádio.

Referências

- PERUZZO, C.M.K. 2004. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, Vozes, 342 p.
- CERTEAU, M. de. 1994. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 351 p.
- KAPLÚN, M. 2002. *Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)*. La Habana, Editorial Caminos, 240 p.

Submetido em: 30/07/2007

Aceito em: 03/10/2007

Cristóvão Domingos de Almeida
PPG Educação, UNISINOS
Av. Unisinos, 950
93022-000 São Leopoldo RS, Brasil

Lourdes Silva
PPG Educação, UNISINOS
Av. Unisinos, 950
93022-000 São Leopoldo RS, Brasil

¹ A categoria comunicação popular é amplamente discutida por Kaplún (2002).

² A temática sobre os usos é discutida pelo francês historiador Michel de Certeau (1994).